

Associação Nacional de História – ANPUH

XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

Conhecimento histórico entre os jovens: uma pesquisa sobre história local entre os alunos do Ensino Fundamental da Rede Municipal de Ensino de Itajaí/SC

Luciana Rossato¹

Resumo: Esta comunicação pretende discutir o conhecimento histórico entre os jovens. Para isso utilizaremos os resultados de uma pesquisa diagnóstica aplicada em turmas de 7ª e 8ª séries do Ensino Fundamental da Rede Municipal de Itajaí/SC. A partir da fala dos alunos constatamos alguns pontos: enquanto o conhecimento da história do bairro está vinculada à memória dos mais velhos, a história da cidade está muito sugerida pelos discursos turísticos veiculados principalmente através dos meios de comunicação em datas específicas, salientando uma origem única (portuguesa-açoriana) e excluindo outras etnias, tais como alemães, africanos e afro-descendentes. A partir destes dados pretendemos discutir as possibilidades e os limites do ensino de história local e sua contribuição para a formação e o desenvolvimento da consciência histórica entre os jovens.

Palavras-chaves: Consciência Histórica, história local, ensino de história

Abstract: This communication intends to argue the historical knowledge between the young. For this we will use the results of a diagnostic research applied in 7th and 8th medium school classes off the Municipal district of Itajaí/SC. From it speaks of the pupils we evidence some points: while the knowledge of the history of the quarter is tied with the patriarchs memory, the city history it's been very suggested by the tourist speeches disclosed mainly through the communication ways in specific dates, pointing out an only origin (Portuguese-açoriana) and excluding other etnias (breed- race), such as German, African and afro-descendants. >From its data we intend to argue the possibilities and the limits of the local education of history and its contribution for the formation and the development of the historical conscience between the young.

Keywords: Historical knowledge, local history, education of history

Esta comunicação tem como objetivo desenvolver algumas discussões sobre o ensino de história e sua relação com os alunos do Ensino Fundamental. Entre os aspectos que pretendemos discutir estão o estudo da história local e suas possibilidades para a formação e o desenvolvimento da consciência histórica entre os jovens. Para tal análise utilizaremos os resultados de uma pesquisa diagnóstica aplicada pelos acadêmicos da disciplina de Prática do Ensino de História, da Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI) em turmas de 7ª e 8ª séries

¹ Doutora em História pela UFRGS. Professora da UNIVALI/SC.

do Ensino Fundamental da Rede Municipal de Itajaí/SC.²

1. O local na perspectiva dos alunos de Itajaí/SC

Qual a definição de local para o nosso público alvo? Qual é o conhecimento que os alunos do ensino fundamental da Rede Municipal de Itajaí possuem sobre a história desse local? Para responder estas questões foi aplicada uma pesquisa diagnóstica³ pelos acadêmicos do curso de história da UNIVALI, matriculados na disciplina de Prática de Ensino de História.

Com relação ao que os alunos entendem como local, das 347 respostas analisadas⁴, 53,9% remetem ao bairro, enquanto 23,3% elaboraram respostas relacionadas à cidade. Em muitas das respostas dos alunos encontram-se superposições de lugares, como, por exemplo, na mesma resposta são citadas rua e bairro ou então o bairro e a cidade. Outro aspecto que chama a atenção é que 20,7% dos alunos não fizeram nenhuma referência ao local de onde estavam falando, seja este a rua, o bairro, a cidade ou qualquer outro lugar. Além disso, em 10% das respostas somente a rua foi citada, e em 7% do total os alunos referiram-se ao estado, ao país e ao mundo. Esses dados foram levantados a partir da resposta dada pelos alunos à primeira questão da diagnóstica. Esta questão era dissertativa e propunha uma situação imaginária: os alunos se encontram num acampamento, com jovens do mundo todo e a forma de fazer amigos era através de uma apresentação escrita onde eles deveriam “contar a história do local onde você mora”.

A análise das respostas dadas pelos alunos possibilita aprofundar várias discussões. Em relação à primeira questão podemos verificar aspectos referentes ao conhecimento histórico dos alunos, o domínio ou não de habilidades que o estudo da história proporciona e que serão posteriormente utilizados na leitura do mundo no qual vivemos, tais como se identificar, situando-se temporalmente e espacialmente, estabelecer relações, generalizar e comparar. Da segunda a quinta questão o objetivo era fazer um levantamento

2 No início do ano de 2006 foi estabelecida uma parceria entre a UNIVALI, a Secretaria Municipal de Educação de Itajaí e a Fundação Genésio Miranda Lins (FGML). Esta parceria é responsável pela organização dos encontros de Formação Continuada para os professores de História da Rede Municipal de Itajaí e pela elaboração de material didático, cujo tema é a história local.

3 O instrumento (diagnóstica) aplicado foi elaborado pela prof^a Raquel A. S. Venera e aplicada nos meses de março e abril de 2006 em turmas de 7^a e 8^a séries do Ensino Fundamental em 19 escolas da Rede Municipal de Educação de Itajaí. Este trabalho foi desenvolvido por acadêmicos do curso de História da UNIVALI, sob a orientação dos professores da disciplina de Prática do Ensino de História.

4 Na questão 01 da diagnóstica foram analisadas 347 respostas, que correspondem a 8% do público recortado para a pesquisa. Os alunos matriculados, no ano de 2006, nas 7^a e 8^a séries do Ensino Fundamental da Rede Municipal de Itajaí correspondem a 3889 alunos. No total a diagnóstica possuía 10 questões, sendo 01 dissertativa e as outras 09 objetivas.

sobre o consumo cultural dos alunos: o que fazem nas horas vagas, a que tipos de atividades se dedicam e onde adquirem seus conhecimentos. Nas cinco últimas questões o objetivo era verificar quais eram suas relações com os mais velhos e a memória oral.

Para este artigo o que nos interessa é a relação do aluno com o local e sua história. Este aspecto pode ser analisado a partir das respostas dadas pelos alunos à primeira questão. A maioria dos alunos limitou-se a escrever uma história pessoal: 60,7% das respostas continham informações como nome, local onde mora, família, o que gosta de fazer, apesar de no enunciado da questão falar para “contar a história do local onde você mora”. Muitos alunos, principalmente os das escolas que se localizam em bairros que recebem maior número de migrantes de outras cidades, escreveram que não sabiam nada sobre a história do bairro ou da cidade por que eram de fora e por que haviam chegado há pouco tempo na cidade.

Outro aspecto que chamou a atenção foi o fato de que, naquelas respostas nas quais o aluno falou do local onde vive, as informações em sua totalidade referem-se ao presente e não ao passado da localidade (bairro/cidade). Em 17,1% dos textos elaborados as respostas continham informações turísticas da cidade, como nas falas⁵ a seguir:

Itajaí é uma cidade bonita, cheia de flores. Aqui em Itajaí tem o porto e praias maravilhosas, a festa do colono, marejada e etc...Claro que não é aquela maravilha toda mais é muito interessante. (aluno 1)

[...] a nossa cidade, Itajaí, é uma terra de sol e mar e nosso porto é um dos maiores portos do Brasil, e também um ponto turístico. Na nossa cidade há tranquilidade, as pessoas são hospitaleiras e gentis. Itajaí é um ótimo lugar para morar, eu gosto muito de morar aqui. (aluno 2)

A imagem da cidade que perpassa essas falas, selecionadas entre muitas outras, é a turística. Salienta-se a beleza natural, as praias, os pontos turísticos, a hospitalidade dos habitantes locais e as festas típicas, como a marejada. Falas que remetem a propaganda turística, veiculadas através dos meios de comunicação, principalmente na época das festas e no período que antecede o início do verão. O legado histórico é apropriado e preservado pela memória coletiva, mas também é utilizado com o objetivo de desenvolver o turismo, atividade econômica que se constituiu na sociedade industrial. No que se refere a cidade de Itajaí e a Marejada recorre-se a um aspecto do passado, a contribuição portuguesa-açoriana, com o objetivo de criar uma identidade única para a cidade e que a diferencie das outras festas que também ocorrem no Estado de Santa Catarina no mês de outubro. Na busca de uma tradição para a festa e para a cidade, exalta-se exclusivamente os traços açorianos, vende-se os chamados pratos típicos e “diversas manifestações da cultura popular são apropriados pela festa e reinventadas como folclore açoriano e português” (SEVERINO, 1999: 61).

5 Optou-se por manter a ortografia e a gramática utilizada pelos alunos nas suas respostas.

O conhecimento sobre o local onde nossos alunos vivem é construído a partir de interesses vários que estão envolvidos na construção dos discursos turísticos. Quando se faz necessário este mesmo discurso turístico aciona o passado da cidade, a sua história, através das tradições, das festas típicas, como a Marejada, vendida como uma festa portuguesa-açoriana. Entre as respostas produzidas pelos alunos, algumas remetem ao passado da cidade:

Eu vou contar sobre minha cidade, eu não sei muito mas vou contar o que sei. Itajaí foi fundada por imigrantes portugueses, o nome Itajaí é homenagem ao rio, o rio Itajaí-açu. Em Itajaí a prática da pesca é normal, junto com os portugueses vieram suas culturas: a pesca, comida, etc. Todo ano em outubro acontece a marejada, na marejada tem comida portuguesa, atividade cultural, dança, música etc. tudo referindo-se aos imigrantes portugueses. Em Itajaí existe o maior porto do Brasil. (aluno 3)

Moro em Itajaí uma terra explorada pelos portugueses, terra de origem açoriana com um dos maiores e melhores portos do Brasil tem uma cultura super rica e uma ótima gastronomia. (aluno 4)

Durante os anos 80, do século XX, vários municípios localizados no Vale do Itajaí e no norte do Estado de Santa Catarina estavam atraindo, através das festas de outubro, um número cada vez maior de turistas e uma maior dinamização das atividades econômicas locais. Neste mesmo período, a cidade de Itajaí, localizada na foz do rio Itajaí-Açu, passava por uma crise na indústria e no comércio, com a diminuição no potencial pesqueiro e a desativação de estaleiros, o que afetou a economia local. Ao mesmo tempo, o potencial turístico da cidade não era muito explorado. Neste contexto, em 1987 ocorreu a primeira edição da “Marejada, festa portuguesa e do pescado”. Enquanto as outras festas de outubro tinham uma vinculação com a cultura e a etnia alemã, a Marejada esteve desde o início preocupada com o “resgate da cultura luso-açoriana e portuguesa da cidade”. Isto pode ser constatado a partir da análise de reportagens publicadas no jornal da cidade e em folders de divulgação da festa. Segundo Severino (1999: 53-54) “construiu-se uma idéia de que Itajaí é uma cidade de herança exclusivamente açoriana” e, através do trabalho de divulgação do evento, realizado por profissionais de marketing, a “representação que se quer fazer da cidade de Itajaí projeta-a como uma simpática comunidade do litoral”.

Itajaí, que culturalmente não possuía uma identidade definida, passa a ser identificada e a identificar-se, através da festa, como uma cidade portuguesa-açoriana, excluindo desse modo sua diversidade cultural e a pluralidade étnica de sua constituição. A forma de ver, descrever e conceber a cidade não se desenvolve de forma aleatória. Ela é construída conforme o jogo de interesses e as disputas discursivas entre os diferentes grupos sociais e econômicos.

Como os próprios PCNs (1998, p. 37) salientam, não se aprende história apenas

no espaço escolar. Podemos constatar isto ao ler as respostas dadas pelos alunos na pesquisa. O discurso turístico cruza-se com o discurso histórico e com as memórias coletivas.

Qual é a história local que a escola está produzindo? A iniciação das nossas crianças no estudo da história é feita através da história de vida, na primeira série. No entanto, respostas nas quais os alunos restringiram-se a contar a sua vida em mais da metade das respostas, foram dadas por alunos que se encontram nas 7ª e 8ª séries. Isto levanta algumas questões: nossos alunos não conseguem relacionar a sua história individual com a história do coletivo? A história que está sendo produzida em sala de aula não possibilita que eles façam o movimento local/global, micro/macro, indivíduo/coletivo, passado/presente, tão importante e que é um dos objetivos dos PCNs?

2. A História Local e o Ensino de História

Segundo Selva Fonseca existe um consenso de que o estudo da história local ajuda na construção de noções de pertencimento entre os alunos. Ao mesmo tempo, a autora salienta várias dificuldades que devem ser levadas em consideração quando trabalhamos com a história local. Entre estas dificuldades está o fato que a “história ensinada consiste basicamente na transmissão da memória nacional” (2005: 153), o que significa que o espaço para uma história que não é a nacional nos currículos oficiais é bastante restrito. Um outro aspecto que a autora salienta refere-se à ênfase dada ao estudo dos aspectos políticos, como, por exemplo, a origem e desenvolvimento do município, dos fundadores e vultos da história local, reproduzindo as mesmas características encontradas no estudo da história geral e nacional: linear e elitista. Uma dificuldade no estudo da história local é “a fragmentação rígida dos espaços e temas estudados” (FONSECA, 2005: 154). Os vários espaços geográficos entendidos como local, entre eles o bairro e a cidade, são trabalhados de forma estanque, sem relacionar com os outros níveis e dimensões históricas, ou seja, o local é desvinculado do nacional e do global. Esta mesma preocupação foi explicitada por Samuel (1990: 219) em um texto publicado a mais de vinte anos. Na opinião de Fonseca, uma das possibilidades para não incorrer neste problema seria sair da localidade e tomar como ponto de partida algum elemento da vida, como, por exemplo, formas de trabalhar, formas de se divertir e de se relacionar, entre outros aspectos. O objetivo ao estudar a história local não parte do entendimento de que a redução geográfica do que é estudado vai dar conta de explicar o passado, mas sim de que este aspecto, interligado através da narrativa histórica com outras realidades, possibilitará iluminar de uma nova forma o passado. O local não contém em

si mesmo a explicação de sua realidade, mas pode ser uma perspectiva para se pensar o ensino de história, desde que se coloque em destaque a pluralidade e a diversidade de identidades, das heranças culturais e sociais que são encontradas no bairro e na cidade e que convivem no espaço escolar. Além disso, devemos salientar a necessidade deste local estabelecer relações com outros locais e com o nacional e o global.

Um outro aspecto que o estudo da história local permite é a criação de estratégias de ensino que enfatizam atitudes de investigação e de pesquisa. Estas pesquisas podem gerar no decorrer e ao final das atividades documentos, tais como depoimentos orais. Uma das possibilidades mais ricas ao trabalhar com a história local é o uso das evidências orais. A realidade dos arquivos brasileiros, a dificuldade de acesso às fontes, muitas delas constituídas de dados e materiais produzidos pelas prefeituras e pelas elites locais, remete a necessidade de produzir as fontes com as quais se pode trabalhar. Essas fontes, no caso da história oral, as falas dos indivíduos, devem ser contextualizadas e cruzadas com outras fontes, tais como jornais, fotografias, resquícios materiais de diversas categorias. Pensar, pesquisar, escrever a história do local onde vive pode possibilitar ao jovem vivenciar a experiência da pesquisa e do pensar historicamente. Nesse sentido, o estudo da história local entre os jovens pode ser pensado com uma possibilidade para a elaboração ou produção de uma consciência histórica. Para refletir sobre o que é consciência histórica recorreremos aos estudos de Hans-Georg Gadamer, John Lewis Gaddis e Jörn Rüsen.

Em palestras realizadas em 1958, o filósofo Gadamer diz que a consciência histórica é o que caracteriza o homem contemporâneo: “ter plena consciência da historicidade de todo presente e da relatividade de toda opinião” (GADAMER, 2002: 17). Para ele, esta é uma mudança que ocorreu na época moderna e que, na sua opinião, é a mais importante revolução pelo qual passou o ser humano, uma vez que, através da consciência histórica, não recebemos mais a voz que chega do passado sem reflexão. Refletir sobre a tradição, analisando o contexto que a originou, com o objetivo de entender seus significados e valores, é uma das habilidades que o ser humano desenvolve e que Gadamer chama de interpretação. Além disso, é o senso histórico que nos permite superar a “ingenuidade natural” de julgar o passado a partir de nossas perspectivas atuais, de nossos valores e verdades.

John Lewis Gaddis analisa a consciência histórica relacionando-a com a experiência: o ser humano está limitado a aprender através do passado e este - o passado - pode ser apreendido de forma sistemática. Para ele

[...] os historiadores não devem se iludir pensando que oferecem os ‘únicos’ meios pelos quais habilidades adquiridas – e idéias – são transmitidas de

uma geração a outra. Cultura, religião, tecnologia, meio ambiente e tradição também o fazem. Mas a história é, sem dúvida, o melhor método de expandir a experiência para obter o consenso mais amplo possível sobre a importância que ela possa vir a ter (2003: 24).

Isto não significa que ao acumular experiência ocorrerá sua aplicação imediata, principalmente por que um dos méritos da consciência histórica é entender e refletir sobre as diferenças, as similaridades e as generalizações. São exatamente a partir das experiências práticas da vida que a consciência histórica vai se constituir. Segundo Jörn Rüsen a história possui um sentido prático uma vez que possibilita aos indivíduos os recursos necessários para que tenham a habilidade de interpretar as mudanças temporais que ocorrem e nas quais estão enredados. Outro aspecto que Rüsen salienta é a operação de narrar. É através da narrativa que se

[...] constitui a consciência histórica ao representar as mudanças temporais do passado rememoradas no presente como processos contínuos nos quais a experiência do tempo presente pode ser inserida interpretativamente e extrapolada em uma perspectiva de futuro (2001: 64).

Além disso, também é através da narrativa histórica que se constitui a identidade humana. A partir dessa operação

[...] os homens orientam seu agir e sofrer no tempo. Mediante a narrativa histórica são formuladas representações da continuidade da evolução temporal dos homens e de seu mundo, instituidoras de identidade, por meio da memória, e inseridas, como determinação de sentido, no quadro da orientação da vida prática (Rüsen, 2001: 66-67).

Essas reflexões sobre consciência histórica e a importância da narrativa na sua formação podem ajudar a pensar o projeto de história para o município de Itajaí. Pelas falas dos alunos citadas constatamos dois aspectos: enquanto o conhecimento da história do bairro está vinculado à memória dos mais velhos, a história da cidade está muito sugerida pelos discursos turísticos veiculados principalmente através dos meios de comunicação em datas específicas. Estes discursos salientam uma origem única e para que isso ocorresse foram excluídas deste processo outras etnias, tais como alemães, africanos e afro-descendentes. O problema do discurso turístico e dos meios de comunicação é que ele uniformiza as manifestações culturais e as folcloriza, conforme a necessidade do momento. Este tratamento também é dispensado ao passado. O problema maior é os historiadores e educadores permitirem que o passado e as memórias locais sejam contados somente nesta perspectiva. Isto ocorre ao não propiciarmos que estes conhecimentos sejam trabalhados de forma mais sistemática em nossas escolas, de forma a contribuir para a formação da consciência histórica de nossos alunos, possibilitando o desenvolvimento de habilidades para que estes possam

problematizar e historicizar a história do local no qual estão inseridos, relacionando-a com a história dos sujeitos que nela vivem e que vivem em outros lugares, sejam eles nacionais, globais ou regionais.

Bibliografia

FONSECA, Selva Guimarães. **Didática e Prática de Ensino de História:** experiências, reflexões e aprendizados. 4ª ed. Campinas, SP: Papirus, 2005.

GADAMER, Hans-Georg. **O Problema da Consciência Histórica.** 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

GADDIS, John Lewis. **Paisagens da História:** como os historiadores mapeiam o passado. Rio de Janeiro: Campus, 2003.

RÜSEN, Jörn. **Razão Histórica:** teoria da história: fundamentos da ciência histórica. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

SAMUEL, Raphael. História local e história oral. **Revista Brasileira de História.** São Paulo, set. 89/fev. 90, v. 9, nº 19. pp. 219-243.

SEVERINO, José Roberto. **Itajaí e a identidade açoriana: a maquiagem possível.** Itajaí: Editora da Univali, 1999.